

O HOMEM.COM MEDO DE SI PRÓPRIO. ÉTICA VERSUS TECNOLOGIA

AMÉRICO DE SOUSA
 EDITORA ESTRATÉGIAS CRIATIVAS- VILA NOVA DE GAIA, 2004 - 110 p.
 ISBN 972-8257-55-4

"Não se pode desembaraçar a vida de todos os perigos e, se se conseguisse isso, tornar-se-ia insuportavelmente fastidiosa"
 Bertrand Russel

O Homem.com medo de si próprio é o resultado de uma reflexão sobre os efeitos da técnica e uma indagação sobre se a ética contemporânea estará apta para responder aos problemas desencadeados pela técnica actual.

Este mestre em Ciências da Comunicação, autor de diversas publicações na área da Retórica, apresenta desta vez as dúvidas que começam a pulular na cabeça do cidadão atento: Poderá a técnica actual trazer consigo uma série de malefícios, chegando, no limite, a contribuir para a extinção da espécie humana? Passará o homem de dominador da técnica a ser dominado pelos instrumentos que ele mesmo construiu? Ao longo de quatro capítulos (I – O homem e a técnica; II – Por uma nova ética; III – Ética versus tecnologia; IV – Ficção científica sem ficção), é sobre estas questões que se reflecte, muitas vezes apoiado nas investigações de Hans Jonas e Gehlen.

Américo começa por lembrar ao leitor as origens da técnica, em que esta funcionava como instrumento de ajuda ao homem para este retirar benefícios da natureza. É nesta fase que são inventados os instrumentos agrícolas que permitem ao homem rentabilizar o seu tempo e tornar produtiva a natureza, com o menor esforço possível.

Com o aperfeiçoamento da técnica, o homem começa a ver na técnica mais do que uma ajuda, e atribui-lhe quase que um carácter mágico. Crente nas potencialidades desta e da ciência, no início do século XX crê que serão estas as libertadoras de todos os medos e constrangimentos humanos.

Depois de uma série de invenções científicas e ultrapassadas as fases em que o homem construía instrumentos que o ajudavam a trabalhar, quase que em parceria com a natureza, ou que a faziam produzir mais e melhor, eis-nos chegados a uma etapa em que a técnica pode ser incluída no próprio homem. É aqui que o homem se mune de próteses (sejam eles óculos, coração transplantado, ou pernas artificiais), para procurar melhorar ou aumentar os anos da sua existência, ou quiçá, perpetuar a sua continuidade, usando técnicas como a da fertilização *in vitro* ou da clonagem.

O problema é quando descobrimos que "não existem (...) fronteiras muito nítidas entre técnica, ciência e tecnologia." (p. 13) e que, também estas estão sujeitas a descontrolo, tal como se descontrolou a vassoura do Aprendiz de Feiticeiro, por este não saber recitar as palavras mágicas(p. 14).

"As grandes superestruturas da civilização tornam-se autónomas, alienam-se (segundo Marx e Hegel), obrigam o comportamento exterior e interior dos homens a integrar-se nu-

ma forma de ajustamento, processo que só parcialmente voluntário e controlado em grande parte inconsciente" (p. 27). Surge então o medo das más decisões e o receio de que "a própria técnica se possa vir a apropriar do centro de decisão" (p.14). Este receio surge do desejo crescente de o homem se querer apropriar da natureza mas, à medida que a domina, confronta-se com a impossibilidade de tudo poder dominar e receia que a sua criação (a técnica) controle a própria natureza humana. "O homens não têm medo das poderosas energias destruidoras de energias atómicas, mas de si próprios" (p.31).

Os verdadeiros problemas éticos surgem quando a técnica começa a tocar em questões como as da dignidade e direitos humanos. Se é duro verificar que podemos inclusivamente transplantar rostos ou clonar pessoas, perdendo assim a face, o rosto, que sempre funcionou como marca identitária, e, correndo o risco (ainda que por agora felizmente afastado mas menos afastado do que seria o ideal) de extinguirmos a raça humana, Américo coloca a questão de saber se precisaremos de traçar os contornos de uma ética que viva noutros contextos que não o da convivência.

Uma das possibilidades que Hans Jonas apresenta para resolver esta questão é a criação de um Conselho de Sábios para vigiarem os cientistas, mas não será esta uma forma de violência e de controlo, uma forma de censura? Deverá a ciência sujeitar-se ao controlo quando o seu objecto toca os limites do humano? Deverá o homem (ou melhor, os instrumentos por ele criados) sujeitar-se ao homem?

A resposta apontada parece ser a de que cabe ao cidadão tomar parte activa neste processo de tomada de decisão. "Todos somos responsáveis, tanto na hora de semear como na hora de colher. A avaliação ética da era tecnológica a todos e da perigosidade que representa, a todos cabe, sem excepção, porque será também sobre todos que se irão repercutir os efeitos das principais decisões" (p.65).

Mais do que apontar soluções, esta obra de Américo de Sousa relembra-nos as potencialidades e riscos de uma técnica de que já ninguém consegue desligar-se.

Ivone Ferreira
Universidade da Beira Interior
Portugal